

Artigos originais baseados em dados empíricos

Significado *versus* Sentido: Uma base empírica diferencial para os estudos brasileiros sobre o luto

Raul Bruno Tibaldi Nascimento¹

¹ Pesquisador independente, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

Submissão: 26 mar. 2024.

Aceite: 14 maio 2025.

Editor de seção: Cândida Helena Lopes Alves.

Nota dos autores

Raul B. T. Nascimento  <https://orcid.org/0000-0002-4260-975X>

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas a Raul Bruno Tibaldi Nascimento:
Avenida Bosque da Saúde, nº 268, Ed. Beverly Hills, apto 201, Bosque da Saúde, Cuiabá – MT, Brasil,
CEP 78050070. Email: psico.raultibaldi@gmail.com

Conflito de interesses: Não há.

Resumo

Este artigo parte da necessidade de suporte empírico para uma distinção conceitual entre os dois termos utilizados como tradução do conceito de *meaning* em estudos brasileiros sobre o luto. O objetivo foi avaliar a opinião e compreensão da população geral acerca dos termos significado e sentido. Participaram da pesquisa 49 adultos ($M = 40$ anos; $DP = 11,9$) de 11 diferentes Estados do País. Após a leitura de uma vinheta sobre um caso de luto, os participantes responderam a um questionário, e parte das respostas foi utilizada para gerar nuvens de palavras por meio do programa Wordle. Na opinião da maioria dos participantes (77,6%), significado e sentido não podem ser considerados sinônimos. Pela análise das nuvens de palavras, depreendeu-se que significado é ligado a aspectos da compreensão sobre a história da perda, e sentido é relacionado à realização de atividades que proporcionam prazer e satisfação na vida. Essas diferenças permitem presumir que os falantes de língua portuguesa tendem a reproduzir a distinção vocabular verificada em outros idiomas e a endossar propostas teóricas encontradas nas literaturas científicas brasileira e internacional.

Palavras-chave: luto, significado, sentido, pesquisa qualitativa, opinião pública

THE TWO MEANINGS OF MEANING: AN EMPIRICAL DIFFERENTIAL BASIS FOR BRAZILIAN STUDIES ON GRIEF

Empirical difference between meaning and sense in grief

Abstract

This article stems from the need for empirical support for a conceptual distinction between the two terms used to translate the concept of meaning in Brazilian studies on grief. The objective was to assess the general population's opinions and understanding regarding the terms *significado* and *sentido*. Forty-nine adults ($M = 40$ years; $SD = 11.9$) from 11 different states across the country participated in the study. After reading a vignette about a grief case, participants answered a questionnaire, and part of their responses was used to generate word clouds through the Wordle program. According to the majority of participants (77.6%), *significado* and *sentido* cannot be considered synonyms. The analysis of the word clouds suggested that *significado* is linked to aspects of understanding the history of the loss, whereas *sentido* relates to engaging in activities that provide pleasure and satisfaction in life. These differences suggest that Brazilian Portuguese speakers tend to reproduce the vocabulary distinction observed in other languages and endorse theoretical proposals found in both Brazilian and international scientific literature.

Keywords: bereavement, meaning, sense, qualitative research, public opinion

SIGNIFICADO VERSUS SENTIDO: UNA BASE EMPÍRICA DIFERENCIAL PARA LOS ESTUDIOS BRASILEÑOS SOBRE EL DUELO

Resumen

Este artículo parte de la necesidad de contar con un respaldo empírico para una distinción conceptual entre los dos términos utilizados como traducción del concepto de *meaning* en estudios brasileños sobre el duelo. El objetivo fue evaluar la opinión y comprensión de la población general sobre los términos *significado* y *sentido*. Participaron en la investigación 49 adultos ($M = 40$ años; $DE = 11,9$) provenientes de 11 diferentes estados del país. Tras la lectura de una viñeta sobre un caso de duelo, los participantes respondieron a un cuestionario, y parte de las respuestas se utilizó para generar nubes de palabras mediante el programa Wordle. Según la opinión de la mayoría de los participantes (77,6%), *significado* y *sentido* no pueden considerarse sinónimos. Del análisis de las nubes de palabras se infiere que *significado* está vinculado a aspectos relacionados con la comprensión de la historia de la pérdida, mientras que *sentido* se relaciona con la realización de actividades que brindan placer y satisfacción en la vida. Estas diferencias permiten suponer que los hablantes de lengua portuguesa tienden a reproducir la distinción léxica observada en otros idiomas y a respaldar propuestas teóricas presentes en las literaturas científicas brasileña e internacional.

Palabras-clave: duelo, significado, sentido, investigación cualitativa, opinión pública

O progressivo e o significativo interesse da ciência psicológica pelo conceito de *meaning*, ao longo dos últimos cem anos, não foram acompanhados pelo delineamento de um consenso em torno da definição desse termo. Apesar dos avanços nesse sentido, é possível traçar apenas alguns pontos de convergência a partir da literatura sobre o tema, como a multidimensionalidade e a relevância desse construto (Leontiev, 2016a). A dificuldade de integração entre as diferentes perspectivas teóricas sobre *meaning* dificulta o desenvolvimento de um paradigma unificado de pesquisa, mas não implica necessariamente uma incompatibilidade intransponível (Medlock, 2015).

O fato de esse construto “escapar” de uma única operacionalização psicológica definitiva tem a ver com a natureza peculiar do objeto de estudo. *Meaning* não se trata exclusivamente de um traço nem de um estado; não consiste apenas em uma ideia ou narrativa; é de caráter objetivo e subjetivo ao mesmo tempo; não pode ser totalmente apreendido apenas em um aspecto cognitivo nem afetivo; pode ser imposto social e culturalmente, construído ou encontrado (Leontiev, 2016b). Além disso, pode dizer respeito a, basicamente, duas perspectivas: (1) a compreensão ou (2) o propósito/a importância de algo (Dezelić, 2016).

Isso, conseqüentemente, reflete na prática clínica. E, ao se considerarem virtualmente inverificáveis determinadas pressuposições sobre *meaning*, o que se recomenda é que profissionais estejam cientes dos próprios posicionamentos em relação à natureza e à definição do construto. É preciso ter bem definidos os princípios epistemológicos e ontológicos, por exemplo, que orientam o desenvolvimento das competências clínicas que deles se julgarem necessárias (Vos et al., 2019).

Em relação ao do campo das intervenções com pessoas enlutadas, não se pode negar o profícuo desdobramento das teorias sobre *meaning*, até mesmo por se tratar de uma variável considerada crucial em situações de adaptação a uma perda. Contudo, as teorias sobre o luto focadas na importância de *meaning* acabam por herdar os desafios para a conceituação desse construto (Davis et al., 1998; Davis et al., 2000; Hibberd, 2013).

Um desses desafios é de ordem linguística, visto que o termo *meaning* não dispõe de uma compreensão implícita e óbvia seja para o leigo, seja para o especialista, por mais que ambos o utilizem com recorrência. Especialmente na língua inglesa, a palavra *meaning* pode ser usada para se referir a diferentes fenômenos não necessariamente equivalentes. Já em outros idiomas, geralmente se conta com diferentes palavras para diferentes coisas, como os pares de vocábulos alemães *sinn* (*sense*) e *bedeutung* (*meaning*) e os russos *smysl* (*sense*) e *znachenie* (*meaning*). Disso decorre, inclusive, a dificuldade em se traduzir *meaning* do inglês para outras línguas (Leontiev, 2004, 2013).

Em estudos brasileiros sobre luto, é possível encontrar significado e sentido sendo empregados como equivalentes para *meaning*, de forma indiscriminada, mas, ao mesmo tempo, aparentemente distinta. No relato da pesquisa de Santos et al. (2019, p. 6), as autoras afirmam que “a experiência de pais sobre perder um filho no hospital é repleta de *significados* e *sentidos* [grifo nosso] que se interpõem ao longo do processo de luto”. Entre os fundamentos do estudo de Luna (2020, p. 2), destacam-se os pressupostos de que o processo de luto tanto “diz respeito

a uma rede de relações que produzem *significados* [grifo nosso] em torno do sofrimento”, como “envolve uma complexa construção intersubjetiva e auto-organizadora de histórias e *sentidos* [grifo nosso] sobre a perda vivida”. Já os trabalhos de Campos et al. (2020) e de Bezerra et al. (2022) propuseram-se a investigar, concomitantemente, significados e sentidos de vivências de luto materno.

Diante da inexistência de definições explícitas para esses termos, Nascimento (2023, p. 1.011) propôs uma diferenciação conceitual para ambos, descrevendo significado como “resultado da retrospectiva sobre a história da perda e da relação entre enlutado e pessoa falecida”, e sentido como “processo de identificação e realização de possibilidades de configuração de si na relação entre enlutado e mundo vivido”. Considerando que essa proposta não foi acompanhada de suporte empírico, o objetivo do presente estudo foi avaliar a opinião e compreensão da população geral acerca dos termos significado e sentido em contextos de processos de luto.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória com emprego de uma vinheta, a qual consiste em uma história curta sobre uma pessoa e cenário hipotéticos (Murphy et al., 2021). Nesse caso, a vinheta foi seguida de perguntas abertas com o objetivo de apreender as opiniões e as definições dos participantes da pesquisa sobre fenômenos específicos da situação apresentada (Gray et al., 2017).

Amostra e procedimentos

O recrutamento para participação na pesquisa realizou-se entre os meses de setembro e dezembro de 2023, por meio de divulgação no aplicativo de mensagens instantâneas Whatsapp e na rede social Instagram; não foram usados métodos de impulsionamento do conteúdo e, no Instagram, a privacidade da conta utilizada para divulgação era do tipo pública (isto é, podia ser vista por qualquer pessoa). O convite foi direcionado apenas a adultos (com idade igual ou superior a 18 anos). O estudo pôde ser acessado após leitura e anuência de um termo de consentimento livre e esclarecido, desenvolvido no formato de um formulário eletrônico na plataforma Google Forms.

A pesquisa foi realizada em duas fases. A primeira consistiu em um estudo-piloto, com amostragem do tipo intencional, a fim de avaliar a compreensibilidade e adequação da vinheta e das perguntas e a sugerir melhorias se fosse o caso. Participaram dessa fase oito pessoas com idade entre 25 e 67 anos, com ensino superior ou pós-graduação, moradores de quatro Estados brasileiros (Mato Grosso, Minas Gerais, Distrito Federal e Bahia), sendo que delas apenas um era homem. Metade dos participantes era psicóloga e todos os participantes indicaram já terem vivido um processo de luto. Em relação à segunda fase, o recrutamento foi realizado por amostragem de bola de neve e de conveniência e o limite do tamanho amostral foi definido pelo tempo de recrutamento. A Tabela 1 mostra as características dos 49 participantes (M = 40 anos; DP = 11,9) da segunda fase.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Cuiabá pelo Parecer n. 6.278.333. Os convidados foram previamente informados de que a participação na pesquisa envolveria a leitura de um caso hipotético que continha a descrição de reações emocionais e comportamentais de uma mulher após a morte do marido por câncer, para minimizar a possibilidade de desconforto emocional no caso de já terem vivido uma situação parecida. Ainda assim, ao final da pesquisa, foram disponibilizadas informações para contato de dois dispositivos públicos de acolhimento emocional, sendo um deles específico para o apoio a pessoas enlutadas, e de um psicólogo com formação específica e experiência em atendimentos a pessoas enlutadas.

Tabela 1
Características da amostra

Característica	N (%)
Idade	
18 a 19	1 (2)
20 a 24	3 (6,1)
25 a 29	5 (10,2)
30 a 34	9 (18,4)
35 a 39	4 (8,2)
40 a 44	11 (22,4)
45 a 49	5 (10,2)
50 a 54	6 (12,2)
55 a 59	1 (2)
60 a 64	3 (6,1)
70 a 74	1 (2)
Sexo/gênero	
Mulher cis	37 (75,5)
Homem cis	10 (20,4)
Mulher trans	1 (2)
Não binário(a)	1 (2)
Estado de residência	
Mato Grosso	14 (28,6)
São Paulo	9 (18,4)
Rio de Janeiro	6 (12,2)
Paraíba	6 (12,2)
Pernambuco	5 (10,2)
Bahia	3 (6,1)
Minas Gerais	2 (4,1)
Distrito Federal	1 (2)
Ceará	1 (2)
Maranhão	1 (2)
Paraná	1 (2)
Religião	
Católica	15 (30,6)
Nenhuma (Não tem religião)	13 (26,5)
Evangélica	8 (16,3)
Espírita	7 (14,3)
Umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras	2 (4,1)
Ateísmo	2 (4,1)
Judaísmo	1 (2)
Outras	1 (2)
Nível de escolaridade	
Pós-graduação	30 (61,2)
Ensino Superior	17 (34,7)
Ensino Médio	2 (4,1)

continua

Tabela 1
Características da amostra (continuação)

Característica	N (%)
Estado civil	
Solteiro	23 (46,9)
Casado ou em união estável	20 (40,8)
Divorciado, desquitado ou separado judicialmente	4 (8,2)
Viúvo	2 (4,1)
Raça/cor	
Branca	32 (65,3)
Parda	11 (22,4)
Preta	5 (10,2)
Indígena	1 (2)
Categoria da população	
Psicóloga(o)	25 (51)
Não psicóloga(o)	24 (49)
Já viveu algum processo de luto?	
Sim	46 (93,9)
Não	3 (6,1)

Instrumentos

Vinheta

A vinheta utilizada na pesquisa (reproduzida na íntegra na Tabela 2) foi elaborada a partir da livre tradução e adaptação do caso hipotético apresentado por MacKinnon et al. (2013) em uma publicação que discute implicações de teorias centradas no construto *meaning* para psicoterapia com pessoas em luto em decorrência de morte por câncer. Na fase-piloto, a ampla maioria dos participantes indicou que a linguagem da vinheta e das perguntas sobre o caso era suficientemente compreensível e adequada para pessoas acima de 18 anos, e não foram sugeridas alterações significativas para esse instrumento. Na segunda fase, os participantes foram informados da possibilidade de retornar à vinheta durante a participação na pesquisa sempre que precisassem.

Tabela 2*Vinheta*

Joana é uma mulher branca, tem 30 anos, é de orientação heterossexual, e vem de uma família com tradição católica. Ela atualmente mora em uma cidade bastante movimentada no Estado de São Paulo. Joana fez faculdade e trabalha como dentista há 10 anos. No ano passado, o marido de Joana morreu após dois anos do diagnóstico de um câncer na próstata. Eles eram casados há cinco anos. Recentemente, Joana vendeu a casa em que morava com o marido e agora mora em um apartamento menor. Após a morte do marido, Joana tirou três meses de licença do trabalho, mas desde então voltou ao seu trabalho em tempo integral. Quatro meses após a morte do marido, Joana procura um psicólogo em um consultório particular. Na avaliação do profissional, Joana apresenta capacidade intelectual preservada e sentimentos proporcionais à situação. Ela descreve a transição para a viuvez como estressante e, às vezes, insuportável. Relata variações de humor, com momentos alternados de felicidade e de desespero. Joana conta ter problemas para se reintegrar na vida após a morte do marido; por exemplo, ela encontra pouco prazer em atividades que costumavam ser prazerosas. Além disso, relata dificuldade em fazer e manter conexões com pessoas e atividades que lhe pareçam relevantes. Joana relata ser bem apoiada por uma rede de familiares e amigos, mas ainda se sente isolada e desconectada, relatando que "ninguém entende" sua perda e as mudanças em sua vida. Também sente pressão dos outros para "seguir em frente", embora ela não seja favorável a seguir esse conselho. Ela recorre a própria religião para tentar entender sua perda, mas permanece confusa sobre suas experiências recentes e insatisfeita com a forma como está lidando com tudo isso. Após uma avaliação inicial, o psicólogo de Joana entendeu que as dificuldades da paciente poderiam ser classificadas de duas maneiras: a falta de significado e a falta de sentido.

Questionários

Antes da vinheta, os participantes responderam a um questionário para coleta de informações pessoais conforme apresentadas na Tabela 1. Após a leitura do caso, os participantes foram solicitados a opinar se significado e sentido poderiam ser considerados a mesma coisa quando se trata do processo de luto das pessoas, por meio de três opções de respostas (A – discordo; B – não discordo nem concordo; C – concordo). Em seguida, deveriam responder quanto concordavam com a sugestão de que a personagem da vinheta estaria lidando com falta de significado e/ou de sentido, por meio de uma escala de 1 a 5 (1 – discordo totalmente; 2 – discordo parcialmente; 3 – não discordo nem concordo; 4 – concordo parcialmente; 5 – concordo totalmente). Na Tabela 3, estão descritos os percentuais de respostas dos participantes nessa primeira parte do questionário.

Depois, os participantes foram solicitados a responder às seguintes perguntas abertas: (I) "Na sua opinião, quais informações do caso ajudam a entender que Joana estaria lidando com uma falta de significado/de sentido?"; (II) "O que você acha que pode ter contribuído para a falta de significado/de sentido no caso do luto de Joana?"; (III) "O que você acha que terá mudado no caso de Joana quando não houver mais a falta de significado/de sentido?"; e (IV) "Quais informações do caso contribuíram para a sua opinião de que Joana não estaria lidando com uma falta de significado/de sentido?"

Tabela 3*Estatísticas descritivas do questionário – N (%)*

“Quando se trata do processo de luto das pessoas, significado e sentido podem ser considerados a mesma coisa.”

(A) Discordo	38 (77,6%)
Quanto você concorda com a sugestão de que Joana estaria lidando com uma falta de significado?	
Discordo totalmente	8 (21,1%)
Discordo parcialmente	8 (21,1%)
Não concordo nem discordo	2 (5,3%)
Concordo parcialmente	7 (18,4%)
Concordo totalmente	13 (34,2%)
Quanto você concorda com a sugestão de que Joana estaria lidando com uma falta de sentido?	
Discordo totalmente	4 (10,5%)
Discordo parcialmente	3 (7,9%)
Não concordo nem discordo	1 (2,6%)
Concordo parcialmente	10 (26,3%)
Concordo totalmente	20 (52,6%)
(B) Não concordo nem discordo	7 (14,3%)
(C) Concordo	4 (8,2%)
Quanto você concorda com a sugestão de que Joana estaria lidando com uma falta de significado/sentido?	
Discordo totalmente	0 (0,0%)
Discordo parcialmente	3 (27,3%)
Não concordo nem discordo	2 (18,2%)
Concordo parcialmente	4 (36,4%)
Concordo totalmente	2 (18,2%)

Procedimentos de análise

A partir de agrupamentos das respostas às perguntas abertas do questionário, foram geradas nuvens de palavras por meio do programa Wordle (Feinberg, 2009). Uma nuvem de palavra é um tipo de visualização de texto na qual as palavras mais frequentemente utilizadas são destacadas. Em estudos qualitativos, a comparação de nuvens de palavras pode ser útil para indicar diferenças entre ideias contidas em diferentes textos ou transcrições de diálogos, por exemplo (McNaught & Lam, 2010). Antes da geração das nuvens de palavras, cada *corpus* textual passou por uma revisão gramatical e ortográfica, excluindo-se somente sinais de pontuação (reticências, aspas, hifens, barras, parênteses, dois-pontos e pontos de interrogação). O programa foi configurado para concentrar o máximo de 50 palavras mais importantes, tal como realizado por Vilela et al. (2020).

Discussão

No âmbito da literatura científica brasileira sobre o luto, dispõe-se de duas alternativas para a tradução do termo *meaning*, quais sejam, *significado* e *sentido*. Dados o histórico de indefinição sobre o uso desses termos e a diferenciação até então apenas teórica para ambos, esta pesquisa objetivou analisar a percepção da população geral sobre *significado* e *sentido* em processos de luto.

Quando estimuladas a discorrer sobre eles por meio de uma vinheta envolvendo a situação de enlutamento, a maioria das pessoas consultadas concordou que se trata de dois conceitos que não podem ser considerados sinônimos. Isso, inclusive, foi reforçado pelo fato de elas recorrerem, por um lado, a aspectos da compreensão sobre a morte para se referirem a *significado*, e, por outro lado, a aspectos da realização de atividades prazerosas e relações interpessoais para se referirem a *sentido*, conforme deduzido pela análise das nuvens de palavras nas Figuras 1 e 2. As diferenças identificadas na análise temática das opiniões dos participantes da pesquisa permitem presumir que, tal como observado na expressão de outros idiomas, os falantes de língua portuguesa tendem a reproduzir uma distinção vocabular quando se referem a diferentes fenômenos os quais, em língua inglesa, são aglutinados no termo *meaning*.

Esses achados vão ao encontro da proposta de distinção conceitual apresentada por Nascimento (2023), na medida em que ratificam a pertinência do uso do termo *significado* no que tange à história da perda do enlutado e a do uso do termo *sentido* no que concerne às possibilidades de configuração de si na relação do enlutado com o mundo. Eles também convergem com os resultados da análise conceitual empreendida por Skaggs e Barron (2006), na qual uma revisão de literatura relativa ao termo *meaning* originou o agrupamento em duas categorias, *global meaning* e *situational meaning*. Enquanto a primeira engloba elementos e representações de uma pessoa na relação com o mundo (crenças, valores, objetivos, propósito e senso de coerência) que propiciam o direcionamento da própria vida, a segunda diz respeito às interpretações da pessoa sobre um evento ou situação particular, incluindo as respectivas circunstâncias contextuais e a maneira como ela é afetada e como lida com o estresse em decorrência disso.

Sinteticamente, afirma-se que o papel do construto *meaning* em contextos de processos de luto diz respeito não apenas à forma como os enlutados interpretam e aprendem a lidar com a própria perda, mas também como passam a avaliar a si mesmos e o mundo com a ausência de um ente querido (Smid, 2020).

De acordo com Hibberd (2013), as variadas maneiras como o construto *meaning* é operacionalizado nas teorias sobre o luto podem ser compreendidas como representações de diferentes aspectos de um mesmo processo. Cada uma delas representa as tentativas do enlutado em responder importantes perguntas diante de uma perda: “Por que isso aconteceu e por que aconteceu comigo?”, “Existe algo de positivo nessa experiência?” e “E agora, o que importa na minha vida?”. Entretanto, a autora ressalta que essas dimensões, apesar de distintas, estão relacionadas e se influenciam reciprocamente, não podendo nunca ser verdadeiramente separadas.

Ademais, segundo Lichtenthal et al. (2019), domínios diferenciados de *meaning* no luto, como a compreensão da história de uma perda e os modos de reengajamento na vida em um mundo pós-perda, apresentam substancial sobreposição, o que pode ajudar a explicar por que a mudança em um deles tende a afetar positivamente em um outro.

Isso traria coerência às opiniões sintetizadas na nuvem de palavras da Figura 3, na medida em que esta fosse interpretada como representação de uma combinação entre a reestruturação das narrativas sobre uma perda (*significado*) e a recuperação de interesses e motivações aliada ao reconhecimento do valor da própria vida (*sentido*). Do contrário, a nuvem de palavras oriunda do grupo de pessoas para as quais *significado* e *sentido* são um mesmo fenômeno provavelmente seria similar a uma das outras.

Cumprе ressaltar, porém, o fato de que os altos níveis de escolaridade dos participantes desta pesquisa podem restringir a generalização de conclusões para a população geral. Por outro lado, é salutar reconhecer a relevância de evidências atreladas a uma amostra de pesquisa que compreendeu uma proporção equilibrada entre psicólogas e leigos de uma ampla faixa etária, residentes em diferentes regiões do País e cuja maioria já viveu um processo de luto.

O uso de nuvens de palavras como ferramenta única também se faz outra limitação importante, visto que o tratamento de cada palavra como unidade de análise exige cautela em interpretações de ordem semântica. Apesar disso, esse é um método considerado adequado diante do caráter preliminar e exploratório da pesquisa. Desse modo, espera-se que pesquisas futuras possam ampliar as amostras e diversificar métodos na tentativa de verificar a reprodutibilidade dos resultados ora discutidos.

Em que pesem as limitações, a presente investigação contribui para uma primeira base empírica da qual se tem conhecimento para a consolidação de uma distinção terminológica importante para os estudos brasileiros sobre o luto. Uma vez estabelecidas as diferenças entre os termos *significado* e *sentido*, é provável que os pesquisadores da área consigam estabelecer diálogos mais consistentes a partir de diferentes estudos.

Referências

- Bezerra, M. A. R., Rocha, R. C., Rocha, K. N. S., Moura, D. F. S., Christoffel, M. M., Souza, I. E. O., & Rocha, S. (2022). Morte de crianças por acidentes domésticos: Desvelando a experiência materna. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(4), e20210435. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0435>
- Campos, M. T. F. S., Peluzio, M. C. G., Melo, M. S. S., Simonini, E., Coelho, F. M. G., & Araújo, R. M. A. (2020). “A mesa que encolheu”: A perspectiva alimentar das mães que perderam filhos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(3), 1051–1060. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020253.15122018>
- Davis, C. G., Nolen-Hoeksema, S., & Larson, J. (1998). Making sense of loss and benefiting from the experience: Two construals of meaning. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(2), 561–574. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.75.2.561>
- Davis, C. G., Wortman, C. B., Lehman, D. R., & Silver, R. C. (2000). Searching for meaning in loss: Are clinical assumptions correct? *Death Studies*, 24(6), 497–540. <https://doi.org/10.1080/07481180050121471>
- Dezelic, M. (2016). Meaning constructs and meaning-oriented techniques: Clinical applications of meaning and existential exploration. *Journal of Constructivist Psychology*, 30(1), 32–41. <https://doi.org/10.1080/10720537.2015.1119086>
- Feinberg, J. (2009). *Wordle*. Recuperado de <http://www.wordle.net>
- Gray, D., Royall, B., & Malson, H. (2017). Hypothetically speaking: Using vignettes as a stand-alone qualitative method. In V. Braun, V. Clarke, & D. Gray (Eds.), *Collecting qualitative data: A practical guide to textual, media and virtual techniques* (pp. 45–70). Cambridge University Press.
- Hibberd, R. (2013). Meaning reconstruction in bereavement: Sense and significance. *Death Studies*, 37(7), 670–692. <https://doi.org/10.1080/07481187.2012.692453>
- Leontiev, D. (2016a). Converging paths toward meaning. *Journal of Constructivist Psychology*, 30(1), 74–81. <https://doi.org/10.1080/10720537.2015.1119089>
- Leontiev, D. (2013). Personal meaning: A challenge for psychology. *The Journal of Positive Psychology*, 8(6), 459–470. <https://doi.org/10.1080/17439760.2013.830767>
- Leontiev, D. (2016b). The divine knot: A relational view of meaning. *Journal of Constructivist Psychology*, 30(1), 50–56. <https://doi.org/10.1080/10720537.2015.1119081>
- Leontiev, D. (2004). The phenomenon of meaning: How psychology can make sense of it. *International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy*, 1(2). Recuperado de: <https://www.meaning.ca/web/wp-content/uploads/2019/09/101-13-479-1-10-20171212.pdf>
- Lichtenthal, W. G., Catarozoli, C., Masterson, M., Slivjak, E., Schofield, E., Roberts, K. E., Neimeyer, R. A., Wiener, L., Prigerson, H. G., Kissane, D. W., Li, Y., & Breitbart, W. (2019). An open trial of meaning-centered grief therapy: Rationale and preliminary evaluation. *Palliative and Supportive Care*, 17(1), 2–12. <https://doi.org/10.1017/S1478951518000925>
- Luna, I. J. (2020). Construindo histórias e sentidos sobre uma perda familiar na vida adulta. *Psicologia USP*, 31, e200058. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200058>
- Mackinnon, C. J., Milman, E., Smith, N. G., Henry, M., Berish, M., Copeland, L. S., Körner, A., Chochinov, H. M., & Cohen, S. R. (2013). Means to meaning in cancer-related bereavement: Identifying clinical implications for counseling psychologists. *The Counseling Psychologist*, 41(2), 216–239. <https://doi.org/10.1177/0011000012459969>
- McNaught, C., & Lam, P. (2010). Using wordle as a supplementary research tool. *The Qualitative Report*, 15(3), 630–643. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2010.1167>
- Medlock, G. (2015). Seeking consensual understanding of personal meaning: Reflections on the meaning summit at First Congress on the Construction of Personal Meaning. *Journal of Constructivist Psychology*, 30(1), 1–13. <https://doi.org/10.1080/10720537.2015.1119079>
- Murphy, J., Hughes, J., Read, S., & Ashby, S. (2021). Evidence and practice: A review of vignettes in qualitative research. *Nurse Researcher*, 29(3), 8–14. <https://doi.org/10.7748/nr.2021.e1787>
- Nascimento, R. (2023). Significado versus sentido: Uma proposta de distinção conceitual aos estudos sobre o luto. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(3), 1011–1026. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.79275>

- Santos, M. R., Wiegand, D. L.-M., Sá, N. N., Misko, M. D., & Szylił, R. (2019). Da hospitalização ao luto: Significados atribuídos por pais aos relacionamentos com profissionais em oncologia pediátrica. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 53, e03521. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018049603521>
- Skaggs, B. G., & Barron, C. R. (2006). Searching for meaning in negative events: concept analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 53(5), 559–570. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2006.03761.x>
- Smid, G. E. (2020). A framework of meaning attribution following loss. *European Journal of Psychotraumatology*, 11(1), 1776563. <https://doi.org/10.1080/20008198.2020.1776563>
- Vilela, R. B., Ribeiro, A., & Batista, N. A. (2020). Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: Uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde. *Millenium*, 2(11), 29–36. <https://doi.org/10.29352/mill0211.03.00230>
- Vos, J., Cooper, M., Hill, C. E., Neimeyer, R. A., Schneider, K., & Wong, P. T. (2019). Five perspectives on the meaning of meaning in the context of clinical practices. *Journal of Constructivist Psychology*, 32(1), 48–62. <https://doi.org/10.1080/10720537.2017.1390511>

Contribuição de cada autor na elaboração do trabalho:

Raul Bruno Tibaldi Nascimento: Concepção e desenvolvimento do estudo; tratamento e análise dos dados; redação final do artigo.

EQUIPE EDITORIAL

Editor-chefe

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa

Editores Associados

Alessandra Gotuzo Seabra
Ana Alexandra Caldas Osório
Cristiane Silvestre de Paula
Luiz Renato Rodrigues Carreiro
Mária Cristina Triguero Veloz Teixeira

Editores de Seção

“Avaliação Psicológica”

André Luiz de Carvalho Braule Pinto
Danielle de Souza Costa
Lisandra Borges Vieira Lima
Luiz Renato Rodrigues Carreiro
Natália Becker
Thatiana Helena de Lima

“Psicologia e Educação”

Alessandra Gotuzo Seabra
Carlo Schmidt

“Psicologia Social e Saúde das Populações”

Fernanda Maria Munhoz Salgado
Gabriel Gaudencio do Rêgo
João Gabriel Maracci Cardoso
Marina Xavier Carpena

“Psicologia Clínica”

Cândida Helena Lopes Alves
Julia Garcia Durand
Vinicius Pereira de Sousa

“Desenvolvimento Humano”

Ana Alexandra Caldas Osório
Cristiane Silvestre de Paula
João Rodrigo Maciel Portes

Artigos de Revisão

Jessica Mayumi Maruyama

Suporte Técnico

Maria Gabriela Maglio
Davi Mendes

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenação Editorial

Surane Chiliani Vellenich

Estagiária Editorial

Sofia Lustosa de Oliveira da Silva

Preparação de Originais

Mônica de Aguiar Rocha

Revisão

Alessandra Biral

Diagramação

Acqua Estúdio Gráfico